Dia 6 — A Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo

A gloriosa Transfiguração do Salvador no monte Tabor, em presença dos três apóstolos mais amados e mais favorecidos seus, encerrou tantos mistérios e foi de tanta consolação para fortalecer nossa fé que não era razão confundi-la com as demais maravilhas de sua vida. Por isso instituiu a Igreja uma festa particular deste singularíssimo mistério, celebrando-se já em Roma desde o princípio do século V, e sendo ainda mais antiga sua solenidade na Igreja grega.

Não obstante o desprezo que o Salvador fazia de tudo o que soava a ostentação, e o amor que professava à vida humilde, escondida e retirada, queria contudo que seus discípulos formassem o devido conceito de sua divindade e o reconhecessem pelo que era. Mostrou-o numa viagem que fez com eles a várias aldeias dos arredores de Cesareia, junto à nascente do Jordão. Afastou-se um pouco do caminho para fazer oração e, acabada esta, perguntou-lhes (ainda que o soubesse melhor que ninguém) que opinião tinham dele, chamando-se Filho do homem, segundo seu costume. Responderam-lhe com sua costumada simplicidade que uns o tinham pelo Batista ressuscitado, outros por Elias, outros por Jeremias ou por algum dos antigos profetas que tivesse voltado a este mundo. «Mas vós (replicou-lhes o Salvador), quem pensais que eu sou?» A esta segunda pergunta tomou Pedro a palavra, como o primeiro de todos, como o mais ardente e o mais zeloso da glória de seu divino Mestre, como aquele, enfim, dizem os padres, em cuja cátedra se havia de assentar e por cuja boca havia de falar o Espírito Santo, e deu-lhe esta inspirada resposta: «Tu és o Messias, Filho de Deus vivo.» Merecia sem dúvida alguma recompensa um testemunho tão glorioso como sincero, e no mesmo instante foi vantajosamente premiado. Aquele Senhor, cujas palavras são graças e cujas promessas são efeitos, assegurou-lhe imediatamente a próxima fundação da Igreja e que o mesmo Pedro seria sua cabeça: «Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque nem todos os homens conhecem a verdade que acabas de confessar. Esse conhecimento, não o deves à luz da razão humana, mas à ilustração da revelação divina; não tiveram parte nele a carne e o sangue; é muito superior ao entendimento humano, e só pôde vir de meu Pai celestial. É certo que sou o Messias prometido, Filho de Deus vivo, e eu mesmo Deus, em tudo igual a ele; mas ainda não é tempo de publicar esta verdade, e mando-vos que não a publiqueis. Antes de fazê-lo, é preciso que eu padeça as maiores ignomínias e a própria morte de cruz pela redenção de todo o gênero humano, satisfazendo desta maneira à justiça de meu Pai celestial.» Depois disso, prognosticou-lhes até as mais miúdas circunstâncias de sua paixão, temendo que à vista desta duvidassem de sua divindade, se não a houvesse prognosticado; e, além disso, para fortificar sua tenra fé, quis descobrir a alguns deles um lampejo de sua glória. Portanto, logo que fez individual menção de todas as particularidades de sua paixão, acrescentou que alguns dos que o ouviam não morreriam sem tê-lo visto antes cheio de glória e de majestade, dando-lhes como que a provar antecipadamente aqueles inefáveis gozos que lhes reservava no céu por toda a eternidade.

Ainda não se haviam passado oito dias depois desta promessa quando a cumpriu com tantas vantagens que não só excederam suas esperanças, mas seu próprio pensamento. Chamou à parte seus favorecidos discípulos Pedro, João e Tiago e, levando-os consigo a um elevado monte, afastou-se um pouco, pôs-se em oração e, estando no maior fervor dela, transfigurou-se diante deles. Manifestaram-se visivelmente em seu corpo o esplendor de sua divindade e a glória de sua alma, e de repente se descobriu o resplendor de sua majestade, deixando-se ver já não como um puro homem, mas como um Homem-Deus. Apareceu seu semblante mais resplandecente que o sol, suas vestes mais brancas que a neve, deslumbrando os olhos a sua alvura; mas nem nas vestes nem no semblante houve mudança substancial; apenas se acharam repentinamente penetrados dos raios que de si despedia o corpo glorificado, não de outra maneira que uma nuvem rarefeita e transparente se mostra totalmente iluminada quando a investem em cheio os raios do sol: *Transformatio*, diz São Jerônimo, *splendorem addidit, faciem non subtraxit.* Antes, de certa maneira, se poderia dizer que a vida comum do Salvador e seu exterior ordinário e regular eram uma verdadeira transfiguração, por serem alheios a seu estado conatural, e que o que se chamou transfiguração era seu estado conatural e verdadeiro, visto que era preciso um contínuo milagre para suspender os efeitos exteriores e visíveis de sua glória e de sua divindade. Bastava deixar obrar as causas naturais para que necessariamente se mostrasse sempre como então se mostrou.

Mas não quis o Salvador mostrar-se só naquele estado glorioso. Deixaram-se ver a seus dois lados Moisés e Elias: aquele, principal ministro da lei antiga; e este, o mais ardente e o mais zeloso de todos os profetas. Dispôs o Filho de Deus que aqueles dois grandes personagens se achassem presentes à sua Transfiguração, para que os apóstolos entendessem que a lei e os profetas davam testemunho de sua divindade e tinham seu termo em sua pessoa. Vivia então Elias, como vive agora, e assim se deixou ver em seu próprio corpo natural; mas o de Moisés, no sentir de Santo Tomás, foi estranho e aéreo. Tratavam com Jesus Cristo aqueles dois grandes servos de Deus acerca da morte que dentro de poucos dias ele havia de padecer em Jerusalém, e das ignomínias, afrontas e dores com que havia de pôr fim aos trabalhos de sua vida. Nota São Lucas que São Pedro e seus companheiros estavam carregados de sono e que, ao despertar, viram a glória de Jesus e os dois personagens que estavam em sua companhia. Não os havia prevenido o Salvador do favor que lhes estava preparando, e permitiu que adormecessem enquanto fazia oração, para que, ao despertarem, fossem maiores o gosto e a surpresa com a graça da novidade. Mas São João Crisóstomo não pode crer que fosse verdadeiro sono e inclina-se mais a que foi uma espécie de êxtase, que os arrebatou e alheou subitamente, à vista do resplendor de que se acharam envolvidos com o novo prodígio. Misturada a admiração com um santo terror, e inundada a alma numa torrente de consolações e doçuras celestiais, não se pôde São Pedro conter; e, saindo-lhe o gozo pelos lábios, com sua costumada viveza e prontidão exclamou, à maneira de um homem extaticamente arrebatado: «Senhor, que coisa tão boa é esta! Que bela morada! Onde acharemos no mundo outra que seja melhor, nem tão boa? Fixemo-nos aqui e levantemos três tendas: uma para vós, outra para Moisés e outra para Elias.» A Tertuliano parece que nesta ocasião falava São Pedro arrebatado e como que fora de si, e que isso quer significar a Escritura naquelas palavras: *Nesciens quid diceret*: não sabendo o que dizia. Consultou nesta ocasião suas expressões mais com o gosto, diz Santo Ambrósio, do que com a razão; atendia ao que sua alma experimentava, e a própria consolação espiritual não o deixava refletir nas consequências do que pretendia: *Non inconsulta petulantia, sed præmatura devotio, fructum pietatis accumulabat: nam quod ignorabat, conditionis fuit: quod promittebat, devotionis.* Estava ainda com a palavra na boca quando

desapareceram Moisés e Elias, envoltos numa luminosa nuvem que os encobriu; e do fundo da mesma nuvem saiu uma voz clara e divina, que disse distintamente: «Este é meu Filho muito amado, objeto de minhas complacências, a quem, em quem e por quem amo tudo o que amo; ouvi-o como a vosso mestre e obedecei-lhe como a vosso rei.» Esta voz, como observam os padres, não se deixou ouvir senão depois que se retiraram os dois santos e ficou só o Salvador, para que não se duvidasse de que só a ele se dirigiam e só dele se deviam entender aquelas palavras: *ipsum audite*. Tanto o resplendor da nuvem como o sonoro e veemente som da voz atemorizaram de tal modo os três apóstolos que caíram atônitos por terra, desaparecendo no mesmo instante toda aquela glória. Contudo, mantiveram-se desfalecidos na mesma postura, até que, aproximando-se deles o Senhor e tocando-os com a mão, lhes disse: «Levantai-vos, não tenhais temor.» No mesmo ponto levantaram os olhos e, olhando para todos os lados, não viram outra coisa senão Jesus Cristo em seu estado comum e regular. Desceram do monte em companhia do Salvador, já impacientes por anunciar a todos o que tinham visto; mas, querendo o Senhor dar-lhes ideia de sua humildade, como lha dera de sua glória, no próprio caminho proibiu-lhes revelar a quem quer que fosse as maravilhas de que haviam sido testemunhas. Semelhante preceito lhes havia imposto pouco antes, quando perguntou aos apóstolos que conceito faziam dele, e São Pedro declarou que o tinham por Jesus Cristo, Filho de Deus vivo. «Então (diz o evangelista) mandou-lhes que a ninguém dissessem que ele era o Cristo» (Mt 16): *Tunc præcepit discipulis suis, ut nemini dicerent quia ipse esset Jesus Christus.* Acrescenta São Lucas a razão: porque convém que o Filho do homem padeça, seja condenado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, seja sentenciado à morte e ressuscite ao terceiro dia; dando a entender que, se se chegasse a crer que ele era o Messias, isso poderia impedir sua paixão e sua morte; mas depois de sua ressurreição deu-lhes ordem para que o publicassem em toda parte. Se antes da paixão tivesse declarado, ou permitido que se pregasse claramente, que era o Messias prometido, muitos fracos (dizem São João Crisóstomo e São Jerônimo) se escandalizariam tanto à vista de seus tormentos e de sua morte que seria muito dificultoso desenganá-los; mas a ressurreição, de que foram testemunhas todos os apóstolos e todos os discípulos, de maneira que nenhum dela podia duvidar, autorizava tudo o que lhes havia dito e dava o maior peso a todas as demais provas.

O intento do Salvador em mostrar-se aos apóstolos cercado de glória e rodeado de brilhante resplendor foi descobrir-lhes um raio da glória que o véu de seu corpo ocultava, e da que tinha preparada em seu reino para os que fielmente o servissem. Quis também animá-los por este meio a levar com alegria a cruz, ensinando-lhes que ainda neste mundo dá o Senhor a provar algumas vezes a seus santos, embora passageiramente, os gozos e as consolações do outro; e que a vida dos que seguem a Cristo é, na verdade, cruz; mas cruz que não só se torna muito leve, mas muito gostosa, pelas espirituais consolações que a acompanham, segundo o que ele mesmo diz, que seu jugo é suave e sua carga leve.

Escolheu o Salvador para este mistério um lugar retirado e próprio para fazer oração, dando-nos a entender que Deus não nos dispensa seus favores nem nos comunica sua glória na publicidade, nem entre o tumulto do mundo, mas no retiro, quando estamos mais desprendidos dos afetos da terra e elevados à mais alta perfeição. Por isso Moisés e Elias tiveram a dita de ver a Deus não no meio das cidades, mas na solidão e no monte. Tão verdade é que, se queremos que Deus se nos comunique, devemos amar o recolhimento e o retiro, fazendo-nos superiores a tudo o que é

terreno. Dispôs também Jesus Cristo que o acompanhassem no monte Tabor aqueles mesmos discípulos que lhe haviam de fazer companhia no monte das Oliveiras, para que fossem primeiro testemunhas de sua glória os que depois o haviam de ser de suas agonias. Se temos parte em suas dores, diz São Paulo, também a teremos em suas consolações: *Si compatimur, ut et conglorificemur.*

Martirológio Romano

No monte Tabor, a transfiguração de Nosso Senhor.

Em Roma, na via Ápia, no cemitério de Calisto, a festa de São Sisto II, papa e mártir, que, durante a perseguição de Valeriano, recebeu a coroa do martírio, lavrada pelo fio do cutelo.

No mesmo lugar, São Felicíssimo e Santo Agapito, diáconos do mesmo São Sisto, São Januário, São Magno, São Vicente e Santo Estêvão, subdiáconos, todos decapitados com ele e enterrados no cemitério de Pretextato. Com eles foi também martirizado São Quarto, segundo escreve São Cipriano.

Em Alcalá, na Espanha, São Justo e seu irmão São Pastor, mártires, que, ainda meninos de escola, largaram a cartilha, correndo para o martírio. Logo os mandou prender o presidente Daciano e moer a pauladas; mas, como se alentavam mutuamente com a maior galhardia, foram levados para fora da cidade e degolados pelo algoz.

Em Roma, Santo Hormisdas, papa e confessor.

Em Amida, São Jacó, eremita, ilustre por milagres.

No Languedoc, Santo Estapino, venerado como bispo naquela terra, nas duas igrejas de seu nome.

Na abadia beneditina de São Pedro de Cardeña, a umas duas léguas da cidade de Burgos, São Sancho, abade, e uns duzentos monges, despedaçados pelo rei Zafa, maometano, enviado para esse fim por seu tio, o tirano Almançor.

Em Colônia, São Gislo, porteiro.

Em Bolonha, na Itália, o falecimento de São Domingos.

Missa (oração)

A missa é do mistério, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui fidei sacramenta in Unigeniti tui gloriosa Transfiguratione, patrum testimonio roborasti, et adoptionem filiorum perfectam, voce delapsa in nube lucida, mirabiliter præsignasti: concede propitius, ut ipsius Regis gloriæ nos cohæredes efficias, et ejusdem gloriæ tribuas esse consortes. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que na gloriosa Transfiguração de vosso Filho unigênito confirmastes os mistérios da fé com o testemunho dos pais e mostrastes de modo admirável a perfeita adoção de vossos filhos, por meio da voz que saiu de uma brilhante nuvem; concedei-nos que sejamos co-herdeiros deste Rei da glória e que um dia lhe façamos companhia em seu reino. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Pedro.

2 Pedro 1,16-19

> **Latim:** 16 Non enim doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Jesu Christi virtutem et præsentiam : sed speculatores facti illius magnitudinis. 17 Accipiens enim a Deo Patre honorem et gloriam, voce delapsa ad eum hujuscemodi a magnifica gloria : Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui, ipsum audite. 18 Et hanc vocem nos audivimus de cælo allatam, cum essemus cum ipso in monte sancto. 19 Et habemus firmiorem propheticum sermonem : cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et lucifer oriatur in cordibus vestris :

Português: 16 Porque não vos temos feito conhecer a virtude, e a presença de nosso Senhor Jesu Christo, seguindo fabulas enganhosas: mas sim depois de nós termos sido os espectadores da sua grandeza. 17 Porque elle recebeo de Deos Padre honra, e gloria, quando da magnifica glória lhe foi dirigida huma voz d'esta maneira: Este he o meu Filho amado, em quem eu me comprazí, ouvi-o. 18 E nós mesmos ouvimos esta voz, que vinha do ceo, quando estávamos com elle no monte santo. 19 E ainda temos mais firme a palavra dos profetas: á qual fazeis bem de attender, como a huma tocha, que allumia em hum lugar tenebroso, até que o dia esclareça, e o luzeiro nasça em vossos corações:

Nota

«Achando-se São Pedro em Roma pelo ano 66 do Senhor, poucos meses antes de seu martírio, escreveu esta segunda epístola aos mesmos cristãos da nação hebraica a quem dirigira a primeira, ainda que alguns sejam de parecer que a dirigiu igualmente aos gentios e aos judeus convertidos.»

Reflexões

Senhor, bom será que fiquemos aqui. Se um só lampejo da glória e da majestade do Filho de Deus arrebata a admiração, cumula, satisfaz, inunda de tão puro, de tão delicado gozo os que dele são testemunhas, que será no céu, onde se vê face a face o próprio Deus! Que torrente de delícias submergirá os santos naquela feliz mansão dos bem-aventurados, de que o Tabor não era mais que fraca sombra, ligeira e limitada figura! «Eu não sei o que será o paraíso (dizia um grande servo de Deus); só sei que nele se vê a Deus em si mesmo e que a alma está como que submersa em alegria; que Deus, falando com rigor, só parece Deus naquele lugar de delícias; que todos os astros com que adornou o céu, todas as flores com que vestiu de gala a terra, tudo quanto a arte pode acrescentar à natureza, tudo é borrão, tudo é nada, em comparação do paraíso. Eu não sei o que haverá nele; só sei que nele não há mal algum, nem físico nem moral; que não há pecado, que não há vício, que não há inveja, que não há interesse, que não há inconstância, que não há temor, que não há esperança, que não há pena, que não há inquietação, que não há enfado.» A terra é um desterro, ou, para melhor dizer, é um potro onde os santos padecem. O céu é sua pátria, é sua casa de recreio, é o teatro de seu triunfo. Se Deus criou um inferno, e um inferno tão terrível, para um só pecado mortal, não obstante a miséria e a fraqueza humana, aquele Senhor, que é mais liberal que rigoroso, que não terá criado para os homens que vivem trinta, sessenta, oitenta anos entregues ao rigor da penitência, apesar de todas as repugnâncias de sua fraca natureza? É o paraíso o lugar onde Deus premia seus servos, enchendo-os de bens incomparavelmente superiores a todos os cá de baixo. Sendo o lugar onde ele derrama sem medida seus favores sobre seus favorecidos, desconfiemos de poder formar ideia cabal do que é. Toda a nossa felicidade nesta vida consiste no pensamento e na esperança que temos de poder ser, mediante sua misericórdia, o que os santos são. Se a estes fez felizes, ainda em meio aos trabalhos desta vida, a só esperança do paraíso, que será sua posse, sem mistura de mal nem de desgosto? Que não fizeram para ganhá-lo? E qual deles pensou jamais ter feito demasiado para merecê-lo? Antes, nenhum deixa de exclamar com o Apóstolo: «Não há proporção entre os trabalhos e aflições desta vida e a glória da outra.» Neste mundo não há um instante de calma; não se sabe que coisa nos perturba e nos inquieta mais, se a necessidade ou a abundância, se a pobreza ou as riquezas, os gostos ou os desgostos. As riquezas e a pobreza causam pouco mais ou menos as mesmas inquietações; a glória nos atordoa, a humilhação nos abate, as diversões nos cansam; nada há na terra que não nos desgoste. Somente do céu se pode dizer: *Bom será que fiquemos aqui.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 17 de São Mateus.

Mateus 17,1-9

> **Latim:** [1] Et post dies sex assumit Jesus Petrum, et Jacobum, et Joannem fratrem ejus, et ducit illos in montem excelsum seorsum : [2] et transfiguratus est ante eos. Et resplenduit facies ejus sicut sol : vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix. [3] Et ecce apparuerunt illis Moyses et Elias cum eo loquentes. [4] Respondens autem Petrus, dixit ad Jesum : Domine, bonum est nos hic esse : si vis, faciamus tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, et Eliæ unum. [5] Adhuc eo loquente, ecce nubes lucida obumbravit eos. Et ecce vox de nube, dicens : Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui : ipsum audite. [6] Et audientes discipuli ceciderunt in faciem suam, et timuerunt valde. [7] Et accessit Jesus, et tetigit eos : dixitque eis : Surgite, et nolite timere. [8] Levantes autem oculos suos, neminem viderunt, nisi solum Jesum. [9] Et descendentibus illis de monte, præcepit eis Jesus, dicens : Nemini dixeritis visionem, donec Filius hominis a mortuis resurgat.

Português: [1] E SEIS dias depois toma Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João seu irmão, e os leva á parte a hum alto monte: [2] e transfigurou-se diante d'elles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol: e as suas vestiduras se fizerão brancas como a neve. [3] E eis-que lhes aparecerão Moysés e Elias fallando com elle. [4] E começando a fallar Pedro, disse a Jesus: Senhor, bom he que nós estejamos aqui: se queres, façamos aqui tres tabernaculos, hum para ti, outro para Moysés, e outro para Elias. [5] Estando elle ainda fallando, eis-que huma lúcida nuvem os cobrio. E eis-que sahio huma voz da nuvem que dizia: Este he aquelle meu querido Filho, em quem tenho posto toda a minha complacencia: ouvi-o. [6] E ouvindo isto os discípulos cahirão de bruços, e tiverão grande medo. [7] Porém Jesus se chegou a elles e tocou-os; e disse-lhes: Levantai-vos, não temais. [8] Elles então levantando os seus olhos, não virão mais do que tão sómente a Jesus. [9] E quando elles descião do monte, lhes poz Jesus preceito, dizendo: Não digais a pessoa alguma o que vistes, em quanto o Filho do homem não resurgir dos mortos.

Meditação

Sobre o mistério do dia

Primeiro ponto

Considera a particular estima que o Salvador do mundo faz dos que o amam com ternura, e a bondade com que lhes comunica seus mais assinalados favores. Distinguem-se Pedro, Tiago e João entre os demais apóstolos pelo ardente amor que lhe professam; e o Senhor os distingue também entre todos pelos favores especiais de que os cumula. Condu-los ao Tabor; mas fique bem

entendido que também os há de levar consigo ao monte das Oliveiras. Nesta vida, as consolações espirituais são comumente presságio de trabalhos e de cruzes. É ocioso pedir para sentar-se aos dois lados do Filho de Deus quando não há resolução para beber a amargura de seu cálice. Mostra-se Cristo a seus discípulos mais resplandecente que o sol, rodeado do resplendor de sua majestade e de sua glória; mas, em meio a esta glória, só trata de tormentos, de desprezos e de morte. Desenganemo-nos: não há na terra condição, não há estado isento de mortificação. Toda devoção aplaudida, ruidosa, alardeada e cheia de consolações deve tornar-se-nos suspeita. Não há outra doçura, não há outra verdadeira consolação senão a que produzem as adversidades, ou, pelo menos, o sincero desejo da humilhação e da cruz. Quando o Salvador quer dispensar a seus discípulos um singular favor, fazendo-os testemunhas de sua glória, retira-os a um monte solitário. Nunca o tumulto do mundo se ajustou às intimidades com Deus; estes preciosos favores reservam-se para a solidão, ou ao menos para o retiro. *Non in commotione Dominus.* Gosta Deus da alma tranquila e sossegada. «Levá-la-ei à solidão, e ali lhe falarei ao coração» (Os 2). Só no retiro o Senhor se deixa ouvir pelas almas puras. É erro querer ser devoto sem deixar de ser mundano. Queixam-se muitos de que em suas orações só experimentam secura, desgosto e distrações. Queixam-se de que nunca sentem aquelas espirituais consolações que os servos de Deus saboreiam, ainda que haja muitos anos que se dedicaram a seu serviço. Ama a Jesus Cristo com fidelidade e com ternura; teme-o; aniquila em ti esse espírito de delicadeza e de regalo, esse espírito mundano que ainda domina em teu coração; foge do tumulto; ama a solidão; busca o retiro; e depressa terás parte nos insignes favores de teu amável Salvador.

Segundo ponto

Considera que é tão natural ao homem o amor a tudo o que é prazer, é tanta sua inclinação ao gosto, ao contentamento, à paz do coração, que esta inclinação e este amor são como que a mola geral que dá movimento a todas as ações da vida. Mas ah, quão grande é sua ilusão quando busca fora de Deus esta paz, esta quietude, este contentamento e esta satisfação! Só no serviço de tão bom amo se encontram todas essas vantagens. «Estar com Jesus (diz o autor do livro da Imitação de Cristo) é doce paraíso; mas estar sem Jesus, ainda que sejas o homem mais feliz do mundo, é um inferno.» Assombra que, depois de tão longas e tão funestas experiências que os homens fizeram desta verdade, ainda não reconheçam seu erro, descobrindo o vazio e a falsidade das enganosas alegrias deste mundo. Experimentam toda a sua amargura; apalpam sua instabilidade e, contudo, só por elas suspiram. Se domina a paixão do contentamento e da consolação, para que buscá-los onde não se acham e fugir daquela condição onde unicamente se encontram, que é a dos que servem a Deus deveras e com fervor? Para que arrastar toda a vida numa mediania de virtude, na qual nunca se saboreiam as doçuras da vida verdadeiramente espiritual? A glória da majestade de Cristo só se descobre na elevação do monte; no fundo da solidão, no mais silencioso do retiro é que se deixam perceber as consolações celestiais. Por isso se escolheu o cume de um monte solitário para a Transfiguração do Senhor. Por que não se obraria este dulcíssimo mistério senão à vista de apenas três discípulos? Porque é sempre pequeno o número das almas fervorosas. Sejamos deste pequeno número, e seremos favorecidos. «Bom será que fiquemos aqui», exclama São Pedro. Quando Deus se comunica a uma alma pura, facilmente se esquecem todos os bens criados. Os mais requintados gostos da terra parecem muito insípidos a quem uma vez saboreia as consolações espirituais, que são como que uma prova dos gozos da glória. Logo que Deus se deixa

sentir na alma, nenhuma força fazem nem essas honras imaginárias, nem essas distinções pueris, nem essas quiméricas fortunas com que o mundo apascenta seus partidários. Aquela paz interior, que excede tudo quanto se pode imaginar; aquele contentamento superabundante, que causa uma inalterável igualdade; aquela inexplicável alegria, que é o fruto dos mais duros trabalhos; aquela alegria pura, sem mistura de tristeza; aquela alegria permanente, que não se acaba quando se acaba uma festa pública; aquela alegria constante, sem perigo de produzir efeito algum enfadonho; tudo isto se reserva só para os bons. Compara todas estas vantagens com a perturbação e com a tirania das paixões, com aquelas inquietações e com aqueles enfados que são como que a herança das almas covardes, das almas tíbias, e descobrirás a verdadeira origem de todos os teus desgostos e de todas as tuas securas.

Conheço, meu Deus, que minha infidelidade e minha tibieza me privaram até aqui daquelas assinaladas graças que só se reservam para os fervorosos. Não vos peço, Senhor, esses favores extraordinários que tornam tão fácil e tão doce a virtude; só vos peço, pelos méritos de meu Senhor Jesus Cristo, que me deis graça para sair deste infeliz estado de tibieza, que me tornou tão pesado o vosso suavíssimo jugo. Concedei-me aquele fervor com que se vos deve servir, e a mercê de que vos sirva de hoje em diante com a maior fidelidade.

Jaculatórias

> *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis.* Sl 84.

Mostrai-nos, Senhor, os efeitos de vossa misericórdia e concedei-nos a assistência de vossa graça.

> *Splendor gloriæ, et figura substantiæ Patris.* Hb 1.

Vós, divino Salvador meu, sois o resplendor da glória e a figura da substância do Pai.

Propósitos

1. «Maldito seja aquele que não ama a Jesus Cristo», dizia São Paulo; e, na verdade, se quem não ama seu próximo está, segundo São João, em estado de morte, em que estado se há de considerar quem não ama seu Criador, seu Salvador, seu Redentor, seu Deus, seu Pai? Como é possível que não amemos a Jesus Cristo com ardor e com ternura, nós que tanto nos amamos a nós mesmos, nós que somos pródigos de nosso coração e o entregamos pelo menor benefício que nos façam? Pois quê! Nenhum recebemos deste divino Salvador, a cuja pura bondade devemos quanto temos e quanto somos? Ignoramos porventura com quanto ardor nos amou e nos ama Jesus Cristo? Mas

amamo-lo nós? Esta é a pergunta que te deves fazer continuamente. A resposta, hão de dá-la tuas obras, tuas palavras, teus sentimentos e toda a tua conduta. Se estás no templo, se assistes ao divino sacrifício, sejam teu respeito, tua modéstia e tua devoção uma prova pública do quanto amas a Jesus. Se um diretor te aconselha, se um superior te manda, recebe a ordem e o conselho como conselho e ordem de Jesus Cristo; prova o quanto o amas na prontidão com que lhe obedeces. Tuas regras e as obrigações de teu estado são sinais visíveis da vontade de teu soberano Mestre; é isto o que pede o Salvador. Não se passe este dia sem que tenhas a consolação de provar por todos estes meios a sinceridade com que amas a Jesus Cristo.

2. Imita aqueles grandes servos de Jesus Cristo, cujo coração estava abrasado de seu amor e de cujos lábios jamais se apartava seu santo nome. «Aconselho-te singularmente (diz São Francisco de Sales, parte 2, cap. 1) que tomes por frequente matéria de tua meditação a vida e a morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Olhando para ele em tua oração, aprenderás como deves obrar e regularás tuas ações pelo modelo das suas. As crianças, à força de ouvir suas mães e de balbuciar diante delas, não só aprendem as palavras, mas também os acentos; e nós, se nos acostumarmos à presença deste divino Salvador durante a meditação, e a observar suas ações, suas sentenças e suas máximas, aprenderemos, mediante sua divina graça, a falar, a obrar e a querer o que ele quer. Não sem razão se chama o Salvador Pão que desceu do céu; porque, assim como o pão se deve comer com todo gênero de manjares, assim o Salvador deve ser meditado, considerado e buscado em todas as nossas orações, para ser imitado em todas as nossas ações.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:09 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:09 by Admin